

**Panorama geral do extrativismo do *Butia catarinensis* nos butiazais das restingas do Território Rural Serramar, Santa Catarina: comercialização, conservação e segurança alimentar e nutricional**  
*General panorama of the *Butia catarinensis* extractivism in the Restinga region of Serramar territory, Santa Catarina: commercialization, conservation and food and nutritional security*

PERUCCHI, Loyvana C.<sup>1,2,3,4</sup>; SANTOS, Antonio<sup>5</sup>, COELHO-DE-SOUZA, Gabriela<sup>1,2,3,4</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, <sup>2</sup> Observatório Socioambiental em Segurança Alimentar e Nutricional, Núcleo de Estudos em Segurança Alimentar e Nutricional - NESAN, <sup>3</sup> Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Rural Sustentável - DESMA, <sup>4</sup> Centro de Agroecologia, Sociobiodiversidade e Segurança Alimentar e Nutricional - ASSAN - Centro, <sup>5</sup> - Slow Food, Núcleo Serramar Rede Ecovida, Território Rural Serramar  
loyvanac@hotmail.com; gabrielacoelho2018@gmail.com

## Resumo

O objetivo deste trabalho é caracterizar brevemente o panorama do extrativismo do *Butia catarinensis* nos butiazais na restinga do Território Serramar, Santa Catarina, analisando aspectos econômicos, culturais, ambientais e da promoção da segurança alimentar e nutricional. A metodologia constou de um estudo exploratório a partir de pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas realizadas com extrativistas agricultores familiares do município de Laguna, no mês de abril de 2018. A extração para fins de comercialização é predominante nos municípios de Imbituba, Laguna, Pescaria Brava, Imaruí e Jaguaruna. A comercialização é realizada em quiosques, bares, pousadas, hotéis, restaurantes, fábricas de sorvete, nas propriedades ou em feiras. Apesar das práticas tradicionais de extrativismo do butiazeiro serem realizadas há muito tempo, os butiazais estão ameaçados. Desde 2016, a comunidade e o município passaram a integrar a Rota dos butiazais, iniciativa que vem articulando e visibilizando a cultura e o manejo, se constituindo em uma rede em prol da conservação e valorização dos butiazais e sua cultura.

**Palavras-chave:** butiá, artesanato em fibra vegetal, Territórios Rurais, redes agroecológicas

## Introdução

Em Santa Catarina, o Território Serramar abrange uma diversidade de sistemas socioecológicos, dentre eles a região de Restinga. Esta região é composta por ambientes de dunas, lagoas costeiras e ambientes com vegetação específica, e abrange comunidades, entre elas, agricultores familiares, pescadores, comunidades quilombolas e extrativistas, os quais possuem uma relação direta com este ecossistema, manejando e utilizando a biodiversidade e agrobiodiversidade local.

Dentre os produtos utilizados está o butiá, mais especificamente a espécie *Butia catarinensis* Noblick & Lorenzi -, uma palmeira de pequeno porte, de altura máxima de 2 metros, que pertence à família Arecaceae e ocorre exclusivamente na restinga centro-sul catarinense e norte riograndense. O uso desta espécie faz parte da tradição, cultura e subsistência das populações desta região. Dela são retirados

produtos não madeireiros utilizados: a) na alimentação a partir dos frutos in natura, ou elaboração de polpa, suco, geleias, molhos, picolés, licores, cachaça, entre outros; b) na produção de artesanatos, como chapéus, cestas, produtos decorativos; ou na produção de utensílios, como vassouras, colchões e cobertura de ranchos; além disso, c) palmeira inteira usada como ornamental (SAMPAIO, 2011; REITZ, 1974).

Por estar em ambiente de restinga, ecossistema bastante pressionado pela expansão urbana, agrícola e industrial, as áreas de butiazais no Território Serramar estão ameaçadas, e junto com elas uma ampla variedade de espécies da flora e da fauna nativas, de ocorrência natural nestes ambientes. Esta ameaça se estende também às comunidades que trabalham com o extrativismo, uma vez que a degradação destes ambientes gera impactos diretos de ordem econômica e cultural, ameaçando a continuidade desta atividade e comprometendo a segurança alimentar e nutricional.

Neste contexto, o objetivo deste trabalho é caracterizar brevemente o panorama do extrativismo do *Butia catarinensis* nos butiazais na restinga do Território Serramar, Santa Catarina, analisando aspectos econômicos, culturais, ambientais e da promoção da segurança alimentar e nutricional na região.

## **Metodologia**

O Território Serramar compreende 34 municípios localizados no sudeste do Estado de Santa Catarina, no bioma Mata Atlântica, que compreende um conjunto diversificado de tipos de ambientes, sendo a restinga um dos ecossistemas associado a este domínio. Alguns dos municípios do Território Serramar estão mais associados à restinga e, conseqüentemente, é neles onde se encontram, em maior número, os ecossistemas de butiazais. São eles: Garopaba, Imbituba, Imaruí, Laguna, Jaguaruna, Içara e Balneário Rincão. Nesta região, vivem grupos de agricultores familiares e populações tradicionais, como quilombolas, pescadores e indígenas que realizam a atividade de extrativismo do butiá.

Este trabalho trata-se de um estudo exploratório que utilizou a abordagem qualitativa. Foi realizada uma pesquisa documental buscando, além de trabalhos realizados na região, reportagens em jornais locais, sites e páginas ligadas aos atores envolvidos na temática da conservação das áreas de butiazais. Também foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com agricultores agroecológicos da região e interlocutores desta pesquisa. Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo focando na condição dos butiazais e no extrativismo de folhas e frutos.

## **Resultados e discussões**

Apesar do extrativismo do butiá ocorrer em todos os municípios do Território Serramar com predomínio de restinga, verificou-se que a extração para fins de comercialização é predominante nas regiões de Imbituba, Laguna, Pescaria Brava, Imaruí e Jaguaruna. Os locais de extração, conhecidos como mato ou capoeira, na região de Laguna, ocorrem nas localidades de Barranceira, Barbacena, Paulista, Cabeçuda, Bentos, Estreito e na praia do Sol; em Imbituba, os Areais da Ribanceira

é local com uma forte cultura associada ao butiá (FOGAÇA, 2014). Porém, nestes e demais municípios a extração ocorre também em beiras de estradas, em quintais próprios ou de vizinhos e em terrenos privados ou públicos. Nestas regiões, diversas pesquisas foram realizadas em torno da relação de comunidades rurais e tradicionais com butiá, trazendo aspectos etnobotânicos, etnoecológicos e econômicos em torno do extrativismo (CORADIN *et al.*, 2011; RIFFEL, 2012, KUMAGAI; HANAZAKI, 2013a, KUMAGAI; HANAZAKI, 2013b; FOGAÇA, 2014).

Na região de Laguna, a cultura associada ao extrativismo do butiá perpassa as comunidades rurais e tradicionais e está presente também no imaginário popular da cidade. Em 2005, houve o reconhecimento do poder público municipal, através da Lei n° 1.121/05 do butiazeiro como planta símbolo do município, proibindo sua queima e corte. Em 2008, a Secretaria de Planejamento Urbano e Habitação incluiu o butiazeiro nos projetos paisagísticos de algumas obras e, na mesma época, a Fundação Lagunense do Meio Ambiente (Flama) passou a se mobilizar em defesa do plantio através da ótica da educação ambiental. No entanto, pouca ou nenhuma visibilidade foi dada às comunidades extrativistas e ao potencial de conservação ambiental aliado à geração de renda e promoção da segurança alimentar e nutricional.

O extrativismo do butiá para fins alimentícios e fabricação de utensílios é realizado há séculos na região pelas populações indígenas que ali habitavam e, depois, pelos tropeiros que por ali passavam. Na década de 1950 as fibras das folhas, também conhecidas como crinas de butiás, iam até o Rio de Janeiro servir de enchimento de colchões. No entanto, a comercialização de produtos alimentícios é mais recente. Estima-se que 80 a 100 famílias trabalham com o extrativismo, processamento e comercialização do butiá de forma direta, sendo que indiretamente este número é maior. As famílias extrativistas são agricultoras familiares, pescadoras artesanais e quilombolas que complementam sua renda com o extrativismo, e também fazem uso na sua alimentação. O extrativismo ocorre também como atividade de alguns moradores destas regiões, em especial homens acima de 60 anos, aposentados, que buscam uma atividade de lazer e/ou complementação de renda.

A comercialização é realizada para quiosques, bares, pousadas, hotéis, restaurantes, fábricas de sorvete, nas propriedades ou em feiras. Outra importante forma de comercialização, que existe há cerca de 30 anos, é a venda direta de frutos, sucos e polpas nas margens de rodovias, em especial na BR-101. Fogaça (2014) identificou que, ao longo da BR-101, entre os municípios de Jaguaruna e Laguna (porém apenas antes da ponte Anita Garibaldi) existem vendedores fixos que vendem o butiá durante todo o ano, sendo essa sua principal fonte de renda, e vendedores por temporada, que vendem o butiá apenas no pico de produção de frutos. Alguns dos vendedores fixos, entrevistados pela autora, eram pescadores artesanais que trocaram a atividade da pesca pelo extrativismo do butiá, alegando ser esta última atividade mais rentável.

Destaca-se que em 2012 o governo municipal de Laguna realizou uma reunião junto a estas famílias para tratar dos impasses que envolviam o processo de comercialização de butiá às margens da rodovia federal. Foram tratados os temas: processamento (falta de infraestrutura para preparo e estocagem), questões referentes à informalidade, os impactos econômicos sobre estas famílias com a duplicação da BR-101 e a possibilidade de fomentar a formação de cooperativas como forma de promover a legalização da produção e comercialização. No entanto,

este processo não foi viabilizado.

Destacam-se, nestes diversos municípios, algumas iniciativas de organização que estão promovendo o processamento e comercialização do butiá: na comunidade do Estreito, em Laguna, esteve atuante durante alguns anos o Grupo Vó Maria, construído a partir do apoio da Cáritas Diocesana da região, no entanto, o grupo acabou se desarticulando; nos Areais da Ribanceira, em Imbituba, a Acordi (Associação Comunitária Rural de Imbituba), que é uma organização voltada à organização da comercialização na região de Florianópolis; a comunidade quilombola Morro do Fortunato, em Garopaba, está produzindo geleia de butiá e de butiá com pimenta, e recentemente foi convidada pelo Slow Food da região para participar do encontro Terra Madre, na Itália.

Recentemente, os produtores na região da Amurel (Associação dos municípios da região de Laguna) realizaram uma parceria com a cooperativa Cooperfamília, de Rio Fortuna, para o processamento do butiá que será entregue à merenda escolar de Pescaria Brava e outros municípios da Amurel. Esta parceria inicia a partir da inserção de um agricultor agroecologista pertencente ao Núcleo Serramar da Rede Ecovida e ao Slow Food, que passou a integrar o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional e fomentou a inserção da polpa do butiá na alimentação escolar. Isto se constituiu em uma importante ferramenta para promover a cadeia produtiva solidária do butiá fortalecendo segurança alimentar e nutricional.

Apesar destas diversas iniciativas, o extrativismo do butiá na restinga do Território Serramar vem sofrendo as consequências da degradação desses ecossistemas. A expansão imobiliária associada ao turismo, privatização de ambientes de uso comum, duplicação da BR-101, uso de agrotóxicos em lavouras próximas e queimadas das áreas de butiazais, são alguns dos impactos enfrentados pelas comunidades nos últimos anos.

Em decorrência dessa problemática, nos últimos 10 anos vem surgindo um movimento pela conservação destas áreas de butiazais, promovido por ONGs, universidades, entidades do poder público e pelas próprias comunidades que realizam o extrativismo do butiá. Além de ações para a manutenção das áreas, realiza-se um trabalho de resgate cultural associado aos butiazais e fortalecimento de uma cadeia produtiva sustentável em torno da espécie, que promova a geração de renda aliada à conservação ambiental e à segurança alimentar e nutricional das famílias e comunidades do entorno.

Dentre as organizações destaca-se a presença da Cáritas Diocesana, ONG SOS *Butiá catarinensis*, Acordi, Fórum Regional de Economia Solidária, Universidade Federal de Santa Catarina e Slow Food, bem como as comunidades extrativistas. Estas organizações atuam na mobilização para a conservação das áreas de butiazais, assim como projetos de extensão, eventos e oficinas para promoção da cadeia produtiva sustentável do butiá.

Em 2016, a partir de uma articulação entre estas organizações e a Embrapa Clima Temperado, a região de Restinga do Território Serramar passou a integrar a Rota dos Butiazais. Ela é uma rede agroecológica de fortalecimento das atividades artesanais e gastronômicas, com a inclusão de agricultores, artesãos, indígenas, quilombolas, em torno da conservação pelo uso, prevendo a inter-relação da agricultura familiar, povos e comunidades tradicionais, presente nos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e os países Uruguai e Argentina. Ela é motivada pelo estado de conservação dos butiazais, que se constituem em um ecossistema relictual e os seus remanescentes estão seriamente ameaçados em função do uso

agrícola intensivo (COELHO-DE-SOUZA *et al.*, 2017).

### Conclusões:

O extrativismo do *Butia catarinensis* se constitui em uma atividade tradicional nos butiazais na restinga do Território Serramar, representando uma renda complementar significativa e aporte de alimentos para a segurança alimentar e nutricional de agricultores familiares, quilombolas e pescadores desta região. Apesar das práticas tradicionais de extrativismo do butiazeiro serem realizadas há muito tempo, os butiazais estão ameaçados em função da expansão imobiliária associada ao turismo, privatização de ambientes de uso comum, duplicação da BR-101, uso de agrotóxicos em lavouras próximas e queimadas das áreas de butiazais. Desde 2016, a comunidade e o município passaram a integrar a Rota dos Butiazais, iniciativa que vem articulando e visibilizando a cultura e o manejo dos butiazais, se constituindo em uma rede em prol da conservação e valorização dos butiazais e sua cultura.

### Agradecimentos

Os autores agradecem o suporte do Edital UNASUL/CNPq - Processo 443357/2016-1 e Edital MCTIC/CNPq - Processo 441493/2017-3; Processo 441526/2017-9.

### Referências

- CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies Nativas da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual ou Potencial: Plantas para o Futuro – Região Sul**. Brasília: MMA, 2011. 934p.
- COELHO-DE-SOUZA, G., MARTINS, J.S., SEVERO, J.M., CAMARGO, A. Butiá promovendo interações agroecológicas: um relato de experiências nos Territórios Rurais Missões e Fronteira Noroeste no Rio Grande do Sul. **Anais do VI Congresso Latino-americano de Agroecologia, o X Congresso Brasileiro de Agroecologia**. 2017.
- FOGAÇA, I.B. **Etnoecologia de *Butia catarinensis* Noblick & Lorenzi em Laguna, Santa Catarina**. 2014. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Biológicas Santa Catarina, Florianópolis. 2014.
- KUMAGAI, L.; HANAZAKI, N. Economic Botany of an Endemic Palm Species (*Butia catarinensis* Noblick & Lorenzi) in Southern Brazil. **Ethnobotany Research & Applications**, v. 11, p. 143-152, 2013a.
- KUMAGAI, L.; HANAZAKI, N. Ethnobotanical and Ethnoecological Study of *Butia catarinensis* Noblick & Lorenzi: Contributions to the Conservation of an Endangered Area in Southern Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 27, n. 1, p. 13-20, 2013b.
- RIFFEL, R. **Estrutura Populacional e Recrutamento de Butiá, *Butia catarinensis* Noblick & Lorenzi**: Subsídios para Manejo e Conservação. Relatório PIBIC, UFSC/Florianópolis, 2012.
- SAMPAIO, L. K. A. **Etnobotânica e Estrutura Populacional do Butiá, *Butia catarinensis* Noblick & Lorenzi (Arecaceae) na comunidade dos Areais da Ribanceira de Imbituba/SC**. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.